

DIRECTOR:

Arthur Bivar

REDAÇÃO:

Rua da Republica

Casa Nuv' Alvares — Guimarães

PROPRIETARIO:

MINHO GRAFICO.

VOZ DE GUIMARÃES

Semanao Regionalista

ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO:

Tipografia do «Diário do Minho»

ADMINISTRADOR E EDITOR:

Luiz Gonzaga Pereira

Rua da Republica

GUIMARÃES

A «Voz» e os «Ecos de Guimarães»

Reapareceu no dia 15 do corrente em Guimarães o jornal monarchico *Ecos de Guimarães*. E sem nos dar tempo a saudar pelo seu reaparecimento, atira-nos esta pedrada.

Regionalismo

Era há pouco tempo um termo de luxo! Apoderou-se agora dele uma empresa qualquer ali da cidade dos Arcebispos e o regionalismo passou a ser empregado a torto e a direito e a propósito de tudo e de nada: Tudo é modo de ganhar a vida! Como se em Portugal houvesse o regionalismo no sentido em que o querem empregar! Ora adeus!

Estamos a ver que o regionalismo é uma capa em que se embrulham os amarelos em politica! E há tantos nos tempos que correm...

No dia da Monarquia, passava a dizer que sempre foram monarchicos! O ribeiroide de Braga é disso exemplo!

O garoto que atirou a pedra, escondendo a mão, visava a Voz.

A Voz é um dos seis semanarios regionalistas dos 22 que estamos preparando para começarmos a fazer ouvir a voz do Minho, voz liberta de facciosismos politicos, que pugne por tudo quanto se pode e deve reclamar sem ser preciso estar á espera que se restaure a monarchia.

A pedra visava-nos. Aquela *Empresa qualquer* é a empresa editora Minho Grafico. Os amarelos em politica somos nós. O ribeiroide é o sr. José Constantino Ribeiro Coelho, um dos mais dedicados trabalhadores da obra que estamos ainda criando em todo o Minho.

Não ha duvida portanto. Fomos agredidos. Os *Ecos* querem festa; pois vão ter festa rija.

Comecemos e vamos por partes.

Que o regionalismo era há pouco tempo um termo de luxo! Apoderou-se agora dele uma empresa qualquer... etc.

Aqui ha supina ignorancia do garoto que atirou a pedra. O regionalismo, cá em Portugal, como fora, é um producto da evolução dos povos escaldados com a experiencia do centralismo, e manifesta-se em varios aspectos da vida do povo. Cá, pressentiu-o Herculanio quando já no seu tempo escreveu:

«Interrogado acerca do lenitivo que supunha possível para os males que presenciava, indiquei sempre, não como remedio definitivo, mas como preparação para ele, como instrumentos de uma reforma futura, a eleição exclusivamente local e os esforços constantes para obter, contra o interesse das facções, dos partidos e dos governos, a redução dos grandes circulos a circulos de eleição singular, que um dia possiam servir á restauração da vida municipal, da expressão verdadeira da vida publica do país, e de garantia da descentralização administrativa, como a descentralização administrativa é a garantia da liberdade real.

Fortes tendencias para a eleição da localidade se manifestam já por muitas partes, e os governos e as parcialidades vêem-se constringidos a transigir, com esse instincto salvador. Se não me é licito gloriar-me de ter contribuído para ele se desenvolver, ser-me-ha licito, ao menos, aplaudi-lo. E' o primeiro passo dado no caminho do verdadeiro progresso social; cumprir não recuar.»

O regionalismo é portanto uma reacção contra o mal que mata o paiz, mal que a monarchia miseravelmente comida e atirada em 1910 levou ao auge. E' p' g'ou esse crime de lesa-nação, porque o centralismo manifestou-se no 5 de outubro: uma revolução em Lisboa... e algumas telegramas para a provincia, bastaram para aniquilar

trono de oito seculos. Porque a monarchia, como Herculanio via, não era regionalista; o que havia era a politicagem infrene em Lisboa com sucursaes nos varios cacicados da provincia. Partidos e jornaes monarchicos que se apresentem a advogar a restauração de semelhante monarchia estão irremediavelmente condenados. O paiz já experimentou e não gostou e não os atura. E se não, veremos.

O garoto diz que a Empresa Minho Grafico se apoderou agora do regionalismo. Mais ignorancia no caso. Antes de nascer a Empresa, já quem a fundou era regionalista, já o regionalismo era advogado pelos integralistas, por alguns republicanos e até por alguns manuelistas que sentem falta-lhes o terreno, precisamente porque o povo está despertando e infelizmente quem o acorda, enquanto os monarchicos e os republicanos se digladiam e intrigam!—são os extremistas, inimigos da ordem social. O povo está despertando e de modo nenhum quer a monarchia á 1910, com Senhor dos Navegantes e tudo.

Diz mais o garoto da pedrada que tudo é modo de ganhar a vida. Os directores e fundadores do Minho Grafico trabalham todos gratuitamente, o que não sucede com os que *desmamados* em 1910 pela Republica misturam muito apetite ao entusiasmo com que dão vivas á Monarchia, anciosos por chegar-se de novo ao ubere perdido ha 11 anos.

Num arranco de logica acrescenta o garoto: «Como se em Portugal houvesse o regionalismo no sentido em que o querem empregar!» Não se percebe bem o que seja «empregar» o regionalismo. O que é de cabo de esquadra no garoto é a farça da argumentação. Fica a gente sabendo que só se pugna por uma cousa, quando já existe! Precisamente porque o regionalismo, tal como o queremos, não existe cá, mas queremos-lo, é que estão surgindo órgãos e organizações regionalistas em varias provincias, como o Minho Grafico, o *Alentejo* o futuro *Diario de Coimbra*, etc.

Estamos a ver, prossegue o garoto, que o regionalismo é uma capa em que se embrulham os amarelos em politica! E ha tantos nos tempos que correm...

Resposta: Temos visto que o monarchismo é uma capa em que se embrulham os amarelos em catholicismo! E ha tantos nos tempos que correm...

Mas como este já vai longe, e o ataque do garoto é a primeira manifestação dum mal profundo que está pedindo uma intervenção cirurgica impiedosa e decisiva, para a semana falaremos. Fomos provocados. Agora iremos até ao fim, deixando as responsabilidades a quem lançou a primeira pedra.

Quisemos paz e declaram-nos guerra.

Vejo á frente dos *Ecos de Guimarães*, como director, o sr. João Luis Caldas, que podou como excrecencia inutil e talvez incomoda, a designação de *Padre*. Antes de responder devidamente á provocação desejo saber se este senhor Padre Caldas escreveu ou autorizou aquele ataque.

Seja, porem, como fôr, estamos frente a frente, os *Ecos* dirigidos por um padre, que oculta essa qualidade e a *Voz* dirigida por um leigo que ha 20 anos nunca occultou, nem a sua qualidade de católico, nem as suas indesejáveis convicções monarchicas, tendo por umas e outras sofrido prisões e exilios.

ARTHUR BIVAR

CENTRO CATHOLICO PORTUGEZ

Nota dos candidatos até hoje apresentados para as eleições que se realizam domingo 29 do corrente, na Archidiocese de Braga:

DEPUTADOS

Vianna do Castello: Dr. Henrique Weiss de Oliveira

Ponte do Lima: Dr. D. Antonio Pereira Forjaz

Braga: Dr. Antonio Lino Netto

Guimarães: João de Paiva de Faria Leite Brandão

Villa Real: Pedro Antonio Alvares, coronel de engenharia

SENADORES

Vianna do Castello: Conego Manoel Anaquim

Braga: Dr. João Maria da Cunha Barbosa

Villa Real: P.^o Antonio José da Silva Gonçalves.

PALESTRAS AGRICOLAS

Não corre de feição para a agricultura este inverno soalheiro e risonho. Dir-se-ia que o outono de 1921, namorado dos alegres manhãs de sol, se deixou ficar por cá á espera da Primavera que não tarda aí.

Entretanto vão-se mirando, á mingoa de humidade, os magros pastos dos campos lavrados deixados de *velho* para a cultura dos milhos temporários; e das nascentes, que nesta época do ano costumam ser já mananciais abundantes, não corre um fio de agua sequer, tão necessario agora para abrigar, das geadas, a erva molar e o azevém dos prados de lima e réga.

O gado anda abatido de carnes, e os ossos a furarem-lhe a pele ruiva, seus grandes olhos melancolicos fitando, alheios, a erva rasteira, talhada e retalhada pelos dentes ávidos.

Nas feiras os lavradores, tristes e cabisbaixos, interrogam-se inquietos: o preço do gado desce, desce vertiginosamente em cada semana. Para o pequeno cultivador, proprietario minuseulo ou rendeiro remediado, a baixa progressiva do preço do gado é a morte de uma bela esperanza. Todas as suas economias, moureadas nestes anos post-guerra, ele as tinha ali amalhadas — naqueles quatroamigos leais, que para casa vieram ainda bezerras...

Nos anos de inverno normal, de temperatura doce e chuvas abundantes, os nossos recursos forraginosos bastam, melhor ou pior, a uma lavoura que não pôde, sem reparos, merecer o nome de progressiva; mas serão insuficientes, não tenham duvidas, para a lavoura de amanhã, que terá forçosamente de dizer adeus á Rotina e de abandonar alguns dos seus séculos processos de cultivo, de seus avós herdados, para poder atender ás necessidades de uma população cada vez mais numerosa e exigente.

Ora como os nossos recursos aquiferos teem infelizmente um limite, não sendo possível na maioria dos casos aumentar muito a sua capacidade, estamos agora em frente de um problema de alto interesse agricola, qual é o de encontrar um sistema de produção que, não se afastando demasiadamente do que a experiencia de seculos *mais ou menos sancionou*, permita, sem diminuir a colheita cerealifera, aumentar as possibilidades forraginosas.

O que não pôde manter-se sob pena de termos de viver em regime crónico de emigração—é esta inferioridade relativa de produção de uma provincia que tem possibilidades e recursos para elevar la em muito.

Não basta comprar maquinas caras que logo se põem de banda por inadaptáveis (?) ás nossas terras; não basta povoar os nossos eidos numa promissividade e densidade incomportáveis, de arvoredos fructo mais ou menos rendosas; não basta construir adegas luxuo-

sas, de chão asfaltado ou cimentado, com balseiros e cubas de alto preço. Isto é muito pouco isto não é nada, sendo muitas vezes omdanavel.

O que é preciso principalmente — reparem bem—é saber fazer lavouras, que não podem limitar-se, as de inverno, a um ligeiro arranhar da terra superficial, e ainda saber fazelas a tempo, é dar ás culturas o alimento que lhes convem em doses e substancias compatíveis com a riqueza e a natureza do solo; é acudir ás plantas, durante o seu periodo vegetativo, com os grangeios que elas reclamam, atinentes a manter no solo uma humidade conveniente e a estabelecer as condições necessarias e suficientes para uma utilização eficaz, pelas culturas, das substancias fertilisantes; é ainda, eu peço toda a atenção! elevar a um *maximum* necessario a produção forraginosa das nossas terras, e reparti-la, e conserva-la de forma que nos mezes de invernos secos haja sempre abundancia de verde para o gado.

O costume tradicional de deixar as terras de «velho» para nelas se crearem pastos para o gado tem de ser abandonado.

Dir-me-hão que as ervas dos pastos são de uma grande sobriedade e de uma extraordinaria rusticidade; que se agüentam bem com temperaturas baixas e, por serem uma mistura de muitas espécies, são um bom alimento.

Dir-me-hão ainda... tudo o que quizerem, pois tudo é defensavel neste mundo. A todas as objecções possíveis eu responderei em artigos sussivos, o que não quer dizer que não possesse responder já com um unico argumento: a actual carencia quasi absoluta de pastos e ervas numa provincia que tem todas as condições de uma região pascigosa.— O problema é muito interessante; mas o complexo. Requer metodo na sua exposição, requer mesmo um pouco de prudencia no expasitor, não vá a gente sair de uma *carrapata* para se meter noutra. Creio no entanto que todos nos havemos de entender e... convenecer.

Justino d'Amorim.

Noticias locais

Encontra-se encomodado de saude o importante industrial sr. Manuel Mendes de Oliveira.

—Faleceu hontem o sr. Manoel de Abreu, tio dos snrs. João e Carlos Abreu.

—No proximo dia 21 virá a esta cidade iniciar uma serie de conferencias na Sociedade Martins Sarmento, o illustre reitor honorario da Universidade de Porto sr. dr. Francisco Gomes Teixeira.

—Os democraticos apresen-

tam como candidatos nas proximas eleições, pela maioria, os snrs. Daniel José Rodrigues, Mariano da Rocha Felgueiras e Maximiano de Mattos.

—Foram eleitos comandantes perpetuos da corporação dos Bombeiros Voluntarios, por proposta do patrão sr. Avelino da Silva Guimarães, os snrs. Simão Costa Guimarães e José Luiz de Pina.—C.

Idem 16

—Vimos entre nós o sr. dr.

Eduardo de Souza, antigo deputado da nação.

—Esteve entre nós, regressando a Santo Thyrsro, o sr. Antonio Vieira da Costa.

—Realizou-se no dia 16 a importante feira de Santo Amaro, que esteve bastante concorrida.

—Faleceu a esposa do acreditado negociante da nossa praça sr. Antonio Alves Martins Pereira.

—O partido liberal propõe por este circulo, pela minoria, o sr. dr. José Manoel Cardoso, distincto advogado em Celorico de Basto.

União conservadora

Acerea do proximo acto eleitoral publicou a ACÇÃO SOCIAL de Barcelos este artigo cuja doutrina inteiramente perfilhamos:

Mais do que nunca, este momento exige que se extremem bem os campos, a tal ponto que de um lado estejam os amigos da ordem e que fiquem do outro lado os que preferem a continuação da politica nefasta á naciona idade, que se tem feito salientar, por esta *virtude*, nos ultimos annos.

Não estamos defendendo a politica pessoal e muito menos o partidularismo de facção. Estamos aqui, sim, para defender a unica politica que convem a todos: a ordem, a disciplina social, em resumo, a causa da Patria.

E' sob a bandeira incolor do Centro Catholico que aqui estamos peijando e que estamos peindo a todos os elementos conservadores do nosso concelho, militem elles em qualquer campo partidario, que se unam perante as urnas sob os principios da nossa fé.

Precisamos os e'leitores de Barcelos, como precisam os e'leitores de todos os concelhos do circulo eleitoral de Braga, de se apresentarem unidos e disciplinados exercendo o direito sagrado do voto, manifestando bem firmemente, tão claramente e tão por forma inconfundivel, que nunca mais politica partidaria possa contar com os votos dos catholicos para eleger candidatos avançados,—de orientação contraria ás aspirações da Igreja Catholica.

«Temos de olhar para a Patria que se vae afundando n'um mar de lama, de sangue e de crimes,—e temos de olhar para a Igreja, que continúa sendo perseguida, enxovalhada, maltratada, escarnecida por varias correntes da politica que tem dominado este paiz.

Nunca mais os votos dos catholicos devem eleger deputados avançados

Façamos todos este proposito firme, inabalavel, denunciando o tão clara como inconfundivel ente, no proximo acto eleitoral.

Não pretendamos saber em que partido politico estejam filitados s candidatos que se apresentem ao suffragio. Para nós, catholicos, isso importa pouco. O que importa muito, e esta deve ser a condição especial e talvez unica da nossa preferencia, é a de sabermos quaes são as crenças religiosas d'esses candidatos, até que ponto os catholicos podem contar com elles.

E' que os nossos votos, os votos dos e'leitores catholicos, só devem eleger candidatos catholicos; e estes por seu turno, devem, sem pelas, sem respeito por ne hum interesse partidario, ser no parlamento os conscientes representantes e porta-voz da vontade e das crenças catholicas de quem os elegu.

Deve mesmo repugnar á nossa consciencia de catholicos, de ho mens de fé, o darmos o nosso voto a quem ou não tem em consideração as aspirações dos catholicos e o prestigio da Igreja e que contribua, pelo seu silencio que é cumplicidade ou pela sua acção, que é ludibriar a boa-fé de quem os elegu, para os ataques á doutrina religiosa.

Os votos dos catholicos não vão, pois, para quem não seja catholico e que não seja capaz de como tal se afirmar no parlamento em de

feza dos principios da nossa religião.

Devemos ser solidariamente unidos, todos os que querem trabalhar sob esta ideia, e devemos empenhar decididamente toda a nossa acção pelo triumpho das candidaturas dos homens de fé, ocupando todos, deante das urnas, o nosso posto de honra.

Não se perca um só voto, por que todos são precisos, por que todos são indispensaveis, por que todos são poucos para manifestar a união mais solidaria de ideias e afirmar que podemos quando queremos.

Falamos assim, sem subterfugos a todos os elementos conservadores do concelho de Barcelos, quer estejam ou não filitados no Centro Catholico.

Fallamos assim a catholicos, aos homens que teem que perder, aos operarios que facilmente são influenciados pela cor de rosa das modernas correntes de opinião socialista quer tenham ou não preferencias partidarias, para lhes pormos este dilemma:

Ou nos unimos todos e todos trabalhamos, sacrificando nos até, para o triumpho dos candidatos catholicos—e assim contribuímos para o bem publico, para o bem da Igreja e da Patria, ou nos afastamos uns dos outros e somos indifferentes ás eleições ás crenças catholicas ou anti catholicas dos candidatos, contribuindo por este modo, para o maior mal da sociedade e da Patria.

Porisso não quero que pese sobre a minha consciencia o remorso de não cumprir o meu dever de catholico. Votarei em candidatos catholicos, escolhendo, dentre os que se apresentem ao suffragio, aquellos que mais garantias deem dos seus sentimentos religiosos. Em candidatos contrarios á Igreja Catholica e que tenham tido cumplicidade na maneira como ella tem sido tratada pelas auctoridades publicas, quer directamente, atacando-a e privando a da liberdade de exercicio da sua função espiritual a bem das almas, quer indirectamente, p' e' se g' u'ndo os seus ministros e sujeitando-os por vezes á condição economica mais precaria,—n'esses candidatos contrarios á Igreja Catholica é que eu não votarei. Mario Silveira.

«VOZ DE GUIMARÃES»

Para distribuirmos definitivamente os nossos seis semanarios pelos dias da semana sae a VOZ esta semana á sexta feira, e o proximo numero sahirá terça feira, dia marcado definitivamente para a publicação da VOZ.

Vamos agora ampliar o noticiario da cidade e do concelho de forma que a VOZ traga sempre uma pagina inteira de interesse local.

A ABSOLVIÇÃO

(VERSÃO DE LYSIA)

Pela vereda que vai ladeando os penhascos frágios da costa e que as urzes quasi escondem, o abade de Trégonec ia da povoação para a casita baixa que sua velha mãe se obstinava a habitar sóinha com uma vacca e algumas galinhas.

Era n'um belo dia de Setembro. O sol não estava muito quente e o abade, que acabava de dormir a sesta, estava de bom humor. Como a mãe ia fiar contente de o ver!

Nunca lhe tinha agradado tanto o marulho das ondas quebrando nas rochas bretãs, nem as embarcações verdes ou escuras, ao longe, sobre o mar azul nem o forte cheiro das algas misturado com o perfume das estevas.

Estava só. Nem viv' alma e elle tinha um paternal sorriso preparado para o primeiro ser vivo que encontrasse, quer fosse um impio ou um gato bravo.

Ora, justamente a cincoenta metros apenas diante d'elle, surgiu um homem dentro um espinhal. O sorriso profissional do abade começou quasi logo a desfazer-se n'um visagem inquieto.

Aquella homem estava amarelo, desgredado, e os olhos pareciam promptos a sahirem-lhe das orbitas. Tinha um vinco forçado no canto dos labios e avançava, curvado, fazendo grandes gestos com os braços.

Quando estava a alguns passos: —O senhor é o abade d'esta aldeia? disse elle. E depois da resposta afirmativa, ajuntou em voz baixa e precipitada:

—Queris onf sear-me? O abade, que era homem metódico, não pôde deixar de dizer:

—A estas horas?

—Mas ante um olhar suplicante conteve-se.

—Venha!

E deu meia volta já arrependido. O homem murmurou atraz d'elle:

—Não quer aqui?

—A Egreja é muito perto. Estaremos lá mais tranquilos do que n'este caminho onde pôde passar alguém.

O abade sentiu-se dominado por uma extrema inquietação pelo desconhecido e seguiu adiante d'elle a passo apressado. Quando chegaram á aldeia o homem aproximou-se tanto d'elle que lhe pareceu querer occultar-se nas prégas da sotaina.

Uma vez na Egreja pareceu mais á vontade. O abade entrou precipitadamente no confessorario. O homem ajoelhou e pôz-se a falar logo em seguído:

—Não sei como isto aconteceu. Ainda não ha meia hora que isto se deu e ainda não comprehendo nada. Mas é preciso que lhe diga tudo para que veja que não sou um malvado. E preciso que me possa dar a absolvição, porque sei bem que se não m'a dá sahindo d' aqui irei lançar-me á agua. Foi o azar e a fome que fizeram tudo. Se não fosse isso, esti u certo que ainda lá estaria.

Lá ou em qualquer outra parte; mas que é o que lhe estou a dizer? Ah! como contar-lhe tudo isto?

Perturbava-se. O abade acalmou-o com algumas palavras. Então continuou mais pousadamente. Tinha sido despedido d'uma fabrica de Brest, em seguida a uma greve. No momento das reintegrações, como a fabrica periclitava não tinham retomado senão os operarios casados.

Quando a elle, imaginaram que se tiraria de embarações. Mas a má sorte tinha-o perseguido. Não pôde encontrar trabalho em Brest. Então partiu para o campo, ao acaso. De herdade em herdade tinha ganho com que não morrer de fome. Mas pouco depois tudo parecia conspirar contra elle. Nem trabalho nem dinheiro. Havia tres dias que não tinha comido nada, quando chegou em frente ao mar, perto d'uma casita baixa em que habitava uma mulher de idade.

—Uma casita de janelas verdes? murmurou o abade, cheio de angustia.

—De janelas verdes, é isso, é. Entrei e pedi de comer; é de crer que eu levava um aspecto de meter medo, porque a velha assustou-se e gritou-me: «Vá-se embora!»

Então não sei o que se passou no meu cerebro, mas vi tudo vermelho. Saltei-lhe em cima e agarrei-a pelo pescoço. E apertei-a com tanta força que foi como se não tivesse sido eu, que parecia outro.

De repente, vi que ella não se mexia, já não respirava. Então fugi. Foi então que o encontrei, senhor abade...

O homem parou of-gant. O abade não respondeu. Estava rezando.

Nunca sentira dôr maior. Nunca mais dolorosa incerteza. A menos d'um passo d'elle o penitente esperava a absolvição.

O abade consultou Deus. E parecia-lhe que Deus lhe dava esta resposta temível:

—«Tu és o senhor da tua justiça porque se trata de tua mãe!»

... Como n'um belo sonho, elle via a veneravel anciã girando sobre o soalho encardado. No fogão ardia a lenha. Os buides de doce alinhavam-se na estante de nogueira. No meio da mesa vacilava uma lampada familiar. E o abade sentia o coração pender para a vingança.

Mas de repente, sempre a menos d'um passo d'elle, ouviu de novo o respirar ansioso do penitente.

Outra visão o absorveu quasi logo: era uma legião de famintos que o sofrimento tinha impellido para o crime, abandonados na terra, a quem ninguém estende a mão.

E a voz pungente da miseria humana, a respiração curta, contornada, parecia repetir sem parar: —«Piedade! Piedade!»

Ao fim d'uma longa hesitação, pôde enfim falar.

—Era uma mulher alta, com bandós brancos?

—Sim, com bandós brancos.

Silencioso, o abade orou com as mãos sobre o peito oprimido; resou mais ardentemente para impedir que as lagrimas corressem, e depois deu a absolvição.

—Agora, murmurou, parta, parta de depressa. É em Brest onde terá mais probabilidades de encontrar trabalho. Tome estes vinte francos.

O homem desapareceu, murmurando algumas palavras confusas. O abade depois saiu apressadamente da egreja.

O adro estava inundado de sol. Duas raparigas vestidas de branco passaram rindo, saudaram o abade com um bom dia fresco como a aurora.

Elle teve a força de lhes sorrir.

Teve tambem uma palavra amavel para Le Dentu que lhe dava noticias do seu cavallo, e para Cornec que falava em augmentar um andar á sua casa...

... E pela vereda que l'deja os penhascos da costa, o abade de Trégonec ia correndo para a casita baixa da sua mãe, onde sabia que não encontraria senão a vacca e as galinhas.

Era um belo dia de Setembro, mas o abade já o não gozava. Irritava-se com o marulho das ondas e com o perfil calmo das embarcações no horizonte e até com o perfume das estevas, misturado com o cheiro das algas.

Entrou como louco em casa da mãe.

A velha estava cahida no chão e parecia inanimada.

Tomou-a nos braços e deitou-a na cama. Estava ainda quente e respirava.

Frisionou-a e ella acabou por abrir os olhos.

Não comprehendia nada do que se tinha passado.

O abade ficou trinta e seis horas á sua cabeceira e conseguiu salvar-a. Pela primeira vez passou um dia sem dizer missa...

Jean-Jacques Bernard.

moedas e as medalhas antigas. Alcibiades foi quem introduziu a moda da navalha, o que não é estranho da parte d'aquelle general libertino e efeminado; mas o mais admiravel é que Alexandre Magno se mandava fazer a barba nas vespas d'uma batalha.

No ano 331 antes de Cristo, conta Plutarco, fez-se esta cerimonia e tão bem se achou Alexandre Magno sem a sua grande barba que ordenou a todos os seus soldados que se mandassem fazer a barba. Alguns autores acrescentam que a razão por que o grande guerreiro queria os seus soldados barbeados era para não darem ao inimigo, na luta corpo a corpo, esse ponto de apoio.

Diz-se que a partir d'aquelle ano foi moda barbear-se e que essa moda durou até ao reinado do imperador Justiniano: os philosophos estoicos, por sua parte, deixaram crescer as barbas para mortificar os partidarios do outro filosofo Pitagoras.

Depois, reinando Justiniano, tornou-se ao uso da barba e durante 500 anos permaneceram fiéis a ella os romanos, o que não deixa de ser admiravel num povo tão inconstante.

Mas a moda da navalha voltou a Roma, inaugurando-a Scião o Africano, que levava o respeito e essa moda até ao ponto de se mandar barbear todas as manhãs. Desde então houve alternativas de barbas rapadas e de barbas povoadas; o imperador Adriano usou barba; Constantino Magno desterrou-a do seu palacio.

Conta Plutarco que os godos e os francos usavam somente bigode, para parecerem mais novos e valentes aos olhos do inimigo. No tempo de Carlos Magno usou-se bigode descomunal caído de ambos os lados, desde a boca até ao peito, e depois, tanto o bigode como a barba, desapareceram completamente.

A sua volta deve-se aos hespanhoes; Hespanha é o paiz das barbas; nela se presta culto á barba, é respeitada. No reinado de D. João III de Portugal, D. João de Castro deu metade das barbas como penhor. Filipe V foi quem introduziu em Hespanha o uso da navalha.

Em França, Luis XIII introduziu o uso do bigode, que levaram—e com que donaire!—os subditos do Rei-sol. Este, porém, ao envelhecer e cedendo ás supplicas de M.^{me} de Maintenon, rapou-o; e logo, como por encanto, os bigodes desapareceram do reino de França.

Em Inglaterra usou-se a barba desde a invasão dos normandos até 1066. Actualmente os ingleses escanhão o rosto. «Clean have» é, entre elles, quasi sinónimo de «homem honrado.»

Não deixa de sêr ridiculo este exagerado respeito pela moda. Poderiam escrever-se volumes acerca da barba e da sua historia; e, tanto assim, que os há interessantissimos. A «Dissertação sobre a barba» e o «Elogio dos barbi-ruivos» são, ao que se diz, trabalhos curiosos.

Apesar disso, é provavel que ainda haja coisas novas a dizer sobre o assunto; mas deixemo-las para os ociosos.

Do Monitor, revista católica que se publica na California, traduzimos o seguinte que tem muito de agradável e de instructivo.

O correspondente em Roma do jornal O Tempo, de Paris, escreve que Pio X pensou em permitir ao clero o uso da barba.

Ha poucos anos o Pontifice recebeu peregrinação italiana, recém-chegada da Terra Santa.

Os sacerdotes orientais usam barba, como sempre lhes foi permitido. E dentre os peregrinos, alguns estavam tão vantajosamente servidos a tal respeito, que chamavam a atenção do Santo Padre.

—«Conheci uma vez (disse) um Paroco que tinha um verdadeiro horror á navalha. Amíde lhe ouvia dizer: «Se eu chegar a Papa, hei de permitir o uso da barba a todos os eclesiasticos. Quem julgues que era esse paroco?» Os venesianos que formavam parte do grupo saíam-no muito bem; e sorriram.

—«Tendes razão: sim, sou eu continuo Pio X.—E cumpri a minha palavra. Se algum dos sacerdotes presentes deseja usa barba, consentir-lh'o-hei.»

Mas, percorrendo-os a todos

com a vista, o Pontifice viu um dos seus velhos conhecidos. —«Regressa á sua parouquia com essas barbas?»—interrogou, de olhar acceso.

—Não, Santo Padre, barbear-me-hei antes de chegar a Treviso.

—«Não pode o senhor fazer cousa melhor,—concluiu Pio X—porque assim me parece um perfeito espantalho.

Ao senhor eu negaria, certamente, a concessão.» Este gra-

cejo do grande Pontifice produziu geral hilaridade. Um sacerdote muito conhecido em Filadelfia, disse a este respeito:

—Se o Papa Pio X vai conceder, como se tem dito o uso da barba aos sacerdotes catolicos romanos, pôde bem firmar-se no exemplo de alguns dos seus Predecessores. Durante os seculos XVI e XVII, desde Clemente VII a Alexandre VII, parece que os Papas a trouxeram.

compreende pelo caracter integralista deste ultimo jornal, desafecto ao Regio exilado de 1910.

Entre os monarchas no exilio gosam muitas simpatias os Habsburgos, refugiados na ilha portuguesa da Madeira desde a ultima infructosa tentativa de um golpe de estado, para a reconstituição do velho trono da Austria. Na Madeira são vigiados pelos governos aliados, que que se opõem terminantemente a tal reconstituição por varios motivos politicos, cujo segredo não é só das chancelarias:—é o sonho de um sindicato universal de governo, do imperio do mundo por varios judeus ricos.

Ora Carlos VII encontra-se na Madeira, e a imperatriz sua esposa necessitou, por motivos de de saúde, retirar-se algum tempo á Suíça. De passagem, Zita, que é do sangue real portuguez, esteve em Lisboa onde foi muito saudada pelas monarchicas que á partida acorreram a lhe apresentar despedidas reverentes e affectuosas.

Não de sangue real mas princesa portuguesa pelo casamento, é D. Maria Pia de Bragança, viúva de D. Afonso Henriques, duque do Porto, que antes usava o nome de Nevada, e recentemente se fez catolica.

A formosa princesa está actualmente em Lisboa, onde espera o cadaver do marido, cuja trasladação se affectua agora para o Panteon brigantino, recebendo os restos mortais do simpatico Principe as honras, que lhe pertencem, de general portuguez.

O governo da Republica tem combinado com D. Maria Pia as solenidades da trasladação.

Aqui em Braga não ha muito a registrar, como não seja uma resolução da Camara que determina se comece a cobrar desde 15 de janeiro corrente, o imposto de exportação concelhia, denominado «ad valorem.»

Já se efectuou na Associação Commercial uma reunião contra esse imposto, reunião que juntou numerosos comerciantes e industriais. Enquanto escrevemos esta crónica, deve estar na Camara uma comissão para apresentar reclamações sobre o caso. Dos resultados diremos, na proxima semana.

A Creche da Associação Catolica effectuou nos dias 6 e 7 uma interessante festa. Teve um bello efeito, e conquistou aplausos correctos desempenho dado por tenras criancinhas a uma escolhido programa de recitação, declamação teatral, canto e ginastica recreativa. Instantes pedidos de benfeitores da obra, que não poderam assistir, fizeram que o Sr. dr. Conego Novais e Sousa, presidente da Associação Catolica e director da Creche, marcasse para o dia 15 outra repetição da mimosa festasinha.

A Creche está espalhando muitos bens entre as classes pobres: bem merecem de Deus, da Patria, e da sociedade essa e semelhantes obras de amor social christão.

Já que registamos estes trabalhos politicos, não é menos proprio registrar tambem a adesão de Lisboa, fez á monarchia e ao Sr. D. Manuel. Anunciada dias antes, a adesão não surpreendeu, mas despertou curiosidade a nova atitude do sr. Simão de Labreiro, que a Monarchia ataca rudemente, como aliás se

As eleições não representam, consideradas de um modo geral, a opinião do paiz. Está viciado o sistema, repetimos; não quer isso dizer que não devam, os que podem fazer lo, trabalhar pelo melhoramento geral e do proprio mecanismo eleitoral. Assim, na provincia do Minho, o Centro Catolico tem trabalhado muito na ultima, para fazer triunfar os catolicos que por esta região, se apresentam ao sufragio. Cumprem assim as determinações do episcopado, a cuja direcção se submetem, disciplinadamente.

O Minho é uma das boas posições catolicas, e deve manter esse título. Pelo menos cumpre registrar aqui que na semana finda se trabalhou dedicadamente para isso.

Já que registamos estes trabalhos politicos, não é menos proprio registrar tambem a adesão de Lisboa, fez á monarchia e ao Sr. D. Manuel. Anunciada dias antes, a adesão não surpreendeu, mas despertou curiosidade a nova atitude do sr. Simão de Labreiro, que a Monarchia ataca rudemente, como aliás se

com a vista, o Pontifice viu um dos seus velhos conhecidos. —«Regressa á sua parouquia com essas barbas?»—interrogou, de olhar acceso.

—Não, Santo Padre, barbear-me-hei antes de chegar a Treviso.

—«Não pode o senhor fazer cousa melhor,—concluiu Pio X—porque assim me parece um perfeito espantalho.

Ao senhor eu negaria, certamente, a concessão.» Este gra-

cejo do grande Pontifice produziu geral hilaridade. Um sacerdote muito conhecido em Filadelfia, disse a este respeito:

—Se o Papa Pio X vai conceder, como se tem dito o uso da barba aos sacerdotes catolicos romanos, pôde bem firmar-se no exemplo de alguns dos seus Predecessores. Durante os seculos XVI e XVII, desde Clemente VII a Alexandre VII, parece que os Papas a trouxeram.

SEMANA A SEMANA

Estamos a poucos dias das eleições; embora não esperemos dela coisa boa, por viciado fundamentalmente o sistema, é preciso registrar o facto, que é, realmente, o da semana. Mais de metade das conversas entre portuguezes, hoje,—poderíamos apostar!—tem por assunto a previsão politica. Neste paiz de imprevisão, passamos a vida a fazer previsões dessa natureza.

E, todavia, para que? Podemos garantir prematura e anticipadamente que o governo ganhará em toda linha. E' a função politica dos governos portuguezes: ganhar eleições e perder revoluções. Ha cem anos que vivemos nessa contradança.

Parece um absurdo nas actuais circunstancias, haver candidatos governamentais. O governo é, de si, extranho ao partidario.

Pois ai vamos ver o absurdo: ha deputados do governo, como ha outubristas, que é absurdo não menor. Da revolução de outubro nada appareceu, como doutrina original; como agrupamento ou accção, só se appareceram partidarios dos assassinos da noite sangrenta, que essa é, nas suas circunstancias, original.

Mas a grande preocupação do governo, ao que rezam os ultimos telegramas, não é o triunfo das suas candidaturas; é o saber que fazer aos candidatos que foram, nos termos das leis eleitorais, proclamados por não haver opposição nos respectivos circulos, antes do ultimo adiamento.

Tais cidadãos, perdem o mandato? conservam-no, embora hoje se quizesse fazer ali opposição? Gravissimo problema que traz preocupadissimos os politicos e governantes portuguezes, sem se lembrarem de quanto simplificar a problema passaram a fazer as eleições por decreto do Diario do Governo.

As eleições não representam, consideradas de um modo geral, a opinião do paiz. Está viciado o sistema, repetimos; não quer isso dizer que não devam, os que podem fazer lo, trabalhar pelo melhoramento geral e do proprio mecanismo eleitoral. Assim, na provincia do Minho, o Centro Catolico tem trabalhado muito na ultima, para fazer triunfar os catolicos que por esta região, se apresentam ao sufragio. Cumprem assim as determinações do episcopado, a cuja direcção se submetem, disciplinadamente.

O Minho é uma das boas posições catolicas, e deve manter esse título. Pelo menos cumpre registrar aqui que na semana finda se trabalhou dedicadamente para isso.

Já que registamos estes trabalhos politicos, não é menos proprio registrar tambem a adesão de Lisboa, fez á monarchia e ao Sr. D. Manuel. Anunciada dias antes, a adesão não surpreendeu, mas despertou curiosidade a nova atitude do sr. Simão de Labreiro, que a Monarchia ataca rudemente, como aliás se

com a vista, o Pontifice viu um dos seus velhos conhecidos. —«Regressa á sua parouquia com essas barbas?»—interrogou, de olhar acceso.

—Não, Santo Padre, barbear-me-hei antes de chegar a Treviso.

—«Não pode o senhor fazer cousa melhor,—concluiu Pio X—porque assim me parece um perfeito espantalho.

Ao senhor eu negaria, certamente, a concessão.» Este gra-

cejo do grande Pontifice produziu geral hilaridade. Um sacerdote muito conhecido em Filadelfia, disse a este respeito:

—Se o Papa Pio X vai conceder, como se tem dito o uso da barba aos sacerdotes catolicos romanos, pôde bem firmar-se no exemplo de alguns dos seus Predecessores. Durante os seculos XVI e XVII, desde Clemente VII a Alexandre VII, parece que os Papas a trouxeram.

compreende pelo caracter integralista deste ultimo jornal, desafecto ao Regio exilado de 1910.

Entre os monarchas no exilio gosam muitas simpatias os Habsburgos, refugiados na ilha portuguesa da Madeira desde a ultima infructosa tentativa de um golpe de estado, para a reconstituição do velho trono da Austria. Na Madeira são vigiados pelos governos aliados, que que se opõem terminantemente a tal reconstituição por varios motivos politicos, cujo segredo não é só das chancelarias:—é o sonho de um sindicato universal de governo, do imperio do mundo por varios judeus ricos.

Ora Carlos VII encontra-se na Madeira, e a imperatriz sua esposa necessitou, por motivos de de saúde, retirar-se algum tempo á Suíça. De passagem, Zita, que é do sangue real portuguez, esteve em Lisboa onde foi muito saudada pelas monarchicas que á partida acorreram a lhe apresentar despedidas reverentes e affectuosas.

Não de sangue real mas princesa portuguesa pelo casamento, é D. Maria Pia de Bragança, viúva de D. Afonso Henriques, duque do Porto, que antes usava o nome de Nevada, e recentemente se fez catolica.

A formosa princesa está actualmente em Lisboa, onde espera o cadaver do marido, cuja trasladação se affectua agora para o Panteon brigantino, recebendo os restos mortais do simpatico Principe as honras, que lhe pertencem, de general portuguez.

O governo da Republica tem combinado com D. Maria Pia as solenidades da trasladação.

Aqui em Braga não ha muito a registrar, como não seja uma resolução da Camara que determina se comece a cobrar desde 15 de janeiro corrente, o imposto de exportação concelhia, denominado «ad valorem.»

Já se efectuou na Associação Commercial uma reunião contra esse imposto, reunião que juntou numerosos comerciantes e industriais. Enquanto escrevemos esta crónica, deve estar na Camara uma comissão para apresentar reclamações sobre o caso. Dos resultados diremos, na proxima semana.

A Creche da Associação Catolica effectuou nos dias 6 e 7 uma interessante festa. Teve um bello efeito, e conquistou aplausos correctos desempenho dado por tenras criancinhas a uma escolhido programa de recitação, declamação teatral, canto e ginastica recreativa. Instantes pedidos de benfeitores da obra, que não poderam assistir, fizeram que o Sr. dr. Conego Novais e Sousa, presidente da Associação Catolica e director da Creche, marcasse para o dia 15 outra repetição da mimosa festasinha.

A Creche está espalhando muitos bens entre as classes pobres: bem merecem de Deus, da Patria, e da sociedade essa e semelhantes obras de amor social christão.

Já que registamos estes trabalhos politicos, não é menos proprio registrar tambem a adesão de Lisboa, fez á monarchia e ao Sr. D. Manuel. Anunciada dias antes, a adesão não surpreendeu, mas despertou curiosidade a nova atitude do sr. Simão de Labreiro, que a Monarchia ataca rudemente, como aliás se

com a vista, o Pontifice viu um dos seus velhos conhecidos. —«Regressa á sua parouquia com essas barbas?»—interrogou, de olhar acceso.

—Não, Santo Padre, barbear-me-hei antes de chegar a Treviso.

—«Não pode o senhor fazer cousa melhor,—concluiu Pio X—porque assim me parece um perfeito espantalho.

Ao senhor eu negaria, certamente, a concessão.» Este gra-

cejo do grande Pontifice produziu geral hilaridade. Um sacerdote muito conhecido em Filadelfia, disse a este respeito:

—Se o Papa Pio X vai conceder, como se tem dito o uso da barba aos sacerdotes catolicos romanos, pôde bem firmar-se no exemplo de alguns dos seus Predecessores. Durante os seculos XVI e XVII, desde Clemente VII a Alexandre VII, parece que os Papas a trouxeram.

compreende pelo caracter integralista deste ultimo jornal, desafecto ao Regio exilado de 1910.

Entre os monarchas no exilio gosam muitas simpatias os Habsburgos, refugiados na ilha portuguesa da Madeira desde a ultima infructosa tentativa de um golpe de estado, para a reconstituição do velho trono da Austria. Na Madeira são vigiados pelos governos aliados, que que se opõem terminantemente a tal reconstituição por varios motivos politicos, cujo segredo não é só das chancelarias:—é o sonho de um sindicato universal de governo, do imperio do mundo por varios judeus ricos.

Ora Carlos VII encontra-se na Madeira, e a imperatriz sua esposa necessitou, por motivos de de saúde, retirar-se algum tempo á Suíça. De passagem, Zita, que é do sangue real portuguez, esteve em Lisboa onde foi muito saudada pelas monarchicas que á partida acorreram a lhe apresentar despedidas reverentes e affectuosas.

Não de sangue real mas princesa portuguesa pelo casamento, é D. Maria Pia de Bragança, viúva de D. Afonso Henriques, duque do Porto, que antes usava o nome de Nevada, e recentemente se fez catolica.

A formosa princesa está actualmente em Lisboa, onde espera o cadaver do marido, cuja trasladação se affectua agora para o Panteon brigantino, recebendo os restos mortais do simpatico Principe as honras, que lhe pertencem, de general portuguez.

O governo da Republica tem combinado com D. Maria Pia as solenidades da trasladação.

Aqui em Braga não ha muito a registrar, como não seja uma resolução da Camara que determina se comece a cobrar desde 15 de janeiro corrente, o imposto de exportação concelhia, denominado «ad valorem.»

Já se efectuou na Associação Commercial uma reunião contra esse imposto, reunião que juntou numerosos comerciantes e industriais. Enquanto escrevemos esta crónica, deve estar na Camara uma comissão para apresentar reclamações sobre o caso. Dos resultados diremos, na proxima semana.

A Creche da Associação Catolica effectuou nos dias 6 e 7 uma interessante festa. Teve um bello efeito, e conquistou aplausos correctos desempenho dado por tenras criancinhas a uma escolhido programa de recitação, declamação teatral, canto e ginastica recreativa. Instantes pedidos de benfeitores da obra, que não poderam assistir, fizeram que o Sr. dr. Conego Novais e Sousa, presidente da Associação Catolica e director da Creche, marcasse para o dia 15 outra repetição da mimosa festasinha.

A Creche está espalhando muitos bens entre as classes pobres: bem merecem de Deus, da Patria, e da sociedade essa e semelhantes obras de amor social christão.

Já que registamos estes trabalhos politicos, não é menos proprio registrar tambem a adesão de Lisboa, fez á monarchia e ao Sr. D. Manuel. Anunciada dias antes, a adesão não surpreendeu, mas despertou curiosidade a nova atitude do sr. Simão de Labreiro, que a Monarchia ataca rudemente, como aliás se

com a vista, o Pontifice viu um dos seus velhos conhecidos. —«Regressa á sua parouquia com essas barbas?»—interrogou, de olhar acceso.

—Não, Santo Padre, barbear-me-hei antes de chegar a Treviso.

—«Não pode o senhor fazer cousa melhor,—concluiu Pio X—porque assim me parece um perfeito espantalho.

Que é aquilo que em tudo se põe?

Onde está o Papa depois do sol posto?

Porque levam a cruz á frente das procissões?

Que faz um burro ao sol?

Sabem o que é um anagrama? Talvez um anagrama consiste em formar com as letras de uma palavra outra palavra, ou com as letras de uma frase outra frase. Por exemplo: Roma; com as letras de Roma formam-se os anagramas: Mora, Amor.

Ora bem: dá-se um premio de 2500 a quem fizer o melhor anagrama com as seguintes letras VILA NOVA DE FAMALICÃO. Se os concorrentes precisarem de outro l podem usá-lo, visto que ha quem escreva Villa.

Entre amigos: —Que bella cigarreira que tu tens.

—E' verdade. Presente minha mulher no dia dos meus annos.

—Para presente de annos acho pouco. Traria alguma surpresa dentro...

—Trazia: a factura com o preço...

Lamentava-se um pae das asneiras dum filho.

—Porque lhe não prégas um bom sermão?—pregunta-lhe um amigo.

—Porque não faz caso do que lhe digo. Só dá ouvidos a pateas como elle!

—Nesse caso, queres tu que lhe fale eu?

Certo regedor um dia Que quiz dar-se um certo tom, Num documento escrevia, Com soberba ortografia O seu visto: Bisto. Vom.

Mas alguém que o bisto leu, Solteu de indignação um urro, E sendo por equal sandeu Logo por baixo escreveu: Ah! Ah! Ah! Balente vurro!

Um fidalgo soberbo passava a cavallo por uma estrada. O cavallo deixa cair uma ferradura. Passa um camponez que a apanha e diz ao fidalgo:

—Meu fidalgo, o seu cavallo perdeu uma ferradura.

O fidalgo, altivo: —O meu cavallo não perdeu nada!

—Enão, talvez a perdeu o senhor!

No Registo Civil é apresentado um menino de três anos que não fôra inscrito quando nasceu. O empregado lavrou o assento nestes termos:

reconhecida de utilidade publica pelo Brazil

O Diario oficial, de 2-8-21, publicava o seguinte parecer ao projecto da Camara dos Deputados...

O Centro da Boa Imprensa, associação particular, com personalidade juridica, fundada em 1910...

De como se tem o Centro desempenhado da relevante missão social são prova os seguintes factos:

1.º Tem elle procurado, desde 29 de janeiro de 1910, concorrer de modo especial para o desenvolvimento da san litteratura...

2.º Dedicou-se ainda a auxiliar os jornaes e revistas que tenham os mesmos seus intuitos de saneamento moral;

3.º Tem procurado servir de fonte de informações, a respeito de questões de actualidade, incumbindo-se ainda de orientar a opinião publica...

4.º Tem já editado numero bem razoavel de obras de valor, tanto sob o ponto de vista litterario, como sob o aspecto moral;

5.º Tem contribuido para a fundação e manutenção de 95 bibliothecas, espalhadas pelo territorio nacional...

6.º Tem promovido congressos de jornalistas e escriptores, tomado a iniciativa de reuniões, conferencias, e mesmo de exposições...

7.º Publica uma revista infantil illustrada, quinzenal, «O Bêl-jê-Flores», a preços populares...

8.º Edita um boletim mensal de sua acção social, por meio da imprensa, intitulado «A Resposta»...

9.º Edita um boletim mensal de sua acção social, por meio da imprensa, intitulado «A Resposta»...

10.º Tem-se dedicado a moralização dos cinemas, em todo o Brazil, por meio do seu periodico «A Têla»...

Se ha, portanto, associação privada que entre nós mereça a classificação de utilidade publica...

O Centro da Boa Imprensa, pelos relevantes serviços, que, sem qualquer auxilio official, vem prestando ao paiz.

A Comissão, por esses fundamentos, opina pela aprovação do projecto.

Sala das sessões, 30 de julho de 1921.

Gunha Machado, Presidente.—Andrade Bezerra, Relator.—Verissimo de Mello.—Arlindo Leoni.—Arthur Lemos.—Heitor de Souza.

Projecto a que se refere o parecer

11.º 199 — 1921

Considera de utilidade publica o Centro da Boa Imprensa

O Congresso Nacional resolve:

Art. 1.º Fica considerado de utilidade publica o Centro da Boa Imprensa.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 22 de julho de 1921 — Bittencourt Filho. — Raul Barroso — Nogueira Penido.

JUSTIFICAÇÃO

O Centro da Boa Imprensa faz jus a ser incluído entre as instituições consideradas de utilidade publica. Trata-se de uma instituição cujos serviços á unidade da Patria, á moralidade dos costumes e á defeza da intellectualidade da infancia são patenteados em toda a esphera de sua acção.

Passando o projecto ao Senado, assim se manifestou a respectiva commissão:

«A Camara dos Deputados aprovou a proposição que considera de utilidade publica o Centro da Boa Imprensa.»

Ao Senado cabe agora pronunciar-se a respeito do assumpto. Numerosas tem sido as associações contempladas pelo Governo do paiz com este beneficio. Entre todas, porém, não ha, certamente uma só que mais mereça esse favor do que o Centro da Boa Imprensa.

Organizada em 1910 (29 de janeiro), destinada a fins patrióticos e elevados, essa associação se vem desempenhando dos seus compromissos com zelo e desinteresse, dignos de nota.

Os serviços por ella prestados á sociedade brasileira são de importancia capital. Vizam directamente a formação de caracter da mocidade, a difusão de boas normas de conducta por meio de ensino, da boa leitura, das conferencias, dos avisos, prevenindo males, etc.

A's suas expensas mantém esta bella instituição um pesado trabalho de propaganda de bons costumes, digno de admiração e só proprio de espiritos superiores, que encaram, acima de tudo, a boa ordem e o bem estar da commuhão pela pratica de actos justos, pelo respeito á auctoridade, pela moralidade publica e privada, e pela consciencia perfeita, independente e autonoma, da acção de cada um no meio social em que vive.

O seu objectivo sujo reme é ver

na familia brasileira implantado e bem arraigado o regimen da virtude civica e moral; cada um respeitando a lei e a moral, prestigiando a auctoridade, pela obediencia ás suas ordens, acatando o direito alheio e praticando o bem sem que, para tal, seja miser qualquer intervenção do poder publico...

Dos dados que poude o relator colher sobre o assumpto, verificou que, com tal objectivo, o Centro da Boa Imprensa mantém o seu orgão de publicidade A Resposta, que espalha de graça por 15 500 leitores assignantes: distribue gratuitamente milhares de livros uteis, de leitura san, moralizada e amena, além de instructivos pela forma e pelo assumpto; (essa distribuição gratuita de livros sobre já a 35.429 exemplares no periodo de nove annos) auxilia a publicação e circulação de varias

outras folhas, sob a mesma orientação e impede por meios suaves e bastante discretos, os abusos as licenciocidades que se têm procurado-introduzir na imprensa, nos divertimentos publicos, theatros, cinematographos, etc., empregando-se linguagem, figuras, quadros, revistas, cfensivas ao pudôr e á dignidade de familia.

Em um paiz, onde o caracter se vai abastardando, onde uma boa parte da mocidade só procura a vida de gozos, de confortos de riquezas facéis, onde o vicio domina ao ponto de obrigar á adopção de leis rigorosissimas em defeza dos fracos por elles alcançados, é fóra de toda a duvida que uma instituição como o Centro da Boa Imprensa presta serviços de alta relevancia, de valor inestimavel, merecendo do poder publico não sómente a simples proclamação em que é uma associação de utilidade publica, mas ainda um auxilio forte e effez

para collimar o objectivo de modo mais rapido e mais complexo. Assim pensando, a Comissão de Legislação e Justicia é de parecer que a proposição deve ser approvada pelo Senado. — Sala das Comissões, 5 de outubro de 1921. — Eusebio de Andrade, Presidente interino. Jeronymo Monteiro, Mauricio de Lacerda, Antonio Massa.»

A estas animadoras palavras, partidas do seio do Congresso Nacional, em ambas as suas sessões, accrescentamos, com jubilo, que o sr. dr. Epitacio Pessoa, illustre Presidente da Republica, assignou no dia 23 do corrente o decreto que considera o Centro da Boa Imprensa de utilidade publica.

De utilidade, e muita e enorme utilidade já o era elle, perante e consciencia nacional. Restava apenas que os poderes da Nação assim o reconhecessem officialmente, como acaba de ser feito.

ma não morrerá: apenas caíu em sono cataleptico.

Os leitores sabem o que isto é: uma creatura adormece tão profundamente que parece morta, e pode passar assim dias, menses e annos.

E como durante esse tempo não se como nem bebe, ali está uma boa doença para a gente fazer face... á carostia da vida!

Pavoroso incendio

Foi o que a semana passada em Bourbourg, França, destruiu varios edificios, ameaçando destruir um bairro completo da cidade.

O incendio era de tal ordem que foi preciso chamar bombeiros das cidades mais proximas. Os prejuizos ascendem a alguns milhões de francos.

Elle com o frio que vae, o fogo é bom. Mas tanto, não ..

Greve nas minas d'ouro

Anunciaram os jornaes de lá que tinha começado a greve em todas as minas de ouro do Rand, na Alemanha.

Cá em Portugal, a greve do ouro dura ha tanto tempo, que não ha maneira de a gente pôr o ôlho numa libra de cavallinho. Por outro lado, nas minas de papel da Casa da Moeda não ha maneira de haver greve. É uma inundação de notas todas as semanas

A questão irlandesa

LONDRES, 14—A comissão especial de que é presidente o sr. Churchill está preparada para fazer a transferencia do poder executivo para o novo Estado Livre da Irlanda.

A transferencia será dada a um enviado do governo provisório.

O sr. Griffiths vai fazer eleições sem demora, organizando-se sem demora o parlamento da Irlanda do Sul.—Radio.

ECLIPSES

Durante o ano corrente será visível em Portugal

No ano corrente ha dois eclipses do sol, sendo um visível em Portugal. O eclipse anular do sol dá-se a 28 de Março e começa ás 10-1, longitude 58º 34 W e latitude 11º 19' S. O fim do eclipse, que é parcial, é ás 16 g, 13-17' E de longitude e 23º 53' N. de latitude.

Será visível na Europa na Persia, Arabi, e Africa, ao norte do Equador, no Atlantico e na America do Sul, com excepção da Patagonia. A linha do eclipse passa pouco ao norte da Guiné portugueza, onde as regiões de Cacheu e Far-m são ainda atingidas pelo fase anular.

O eclipse parcial é visível no Porto, começando ás 12-43 A fase maior é ás 14-40 e o fim ás 15-20. O eclipse total do sol dá-se em 21 de Setembro. Invisível em Portugal.

Começa ás 2'4, por 57' 6" E de longitude e 9' 50" N de latitude. O fim do eclipse é ás 7 16. 158 47 E de longitude e 25'54 S. de latitude. Será visível na Australia, Nova Zelandia, ilhas de Sonda, Indo-China, India, Arabia, Persia, Oceano Indico e nas costas africanas.

Mrs. Russel descrevia o marido sob os mais atraentes aspectos! Tinha 34 annos, mas não representava mais de 25. A sua estatura era de 1 metro e 75 centímetros de altura e o seu peso 85 kilos; tinha cabelos louros, olhos azues e muitos dotes moraes e intellectuaes. Era além disto um valente athleta.

Sem descurar o seu proprio futuro e o dos seus filhos, Mrs. Russel desejava que seu marido vivesse convenientemente na roda social a que parecia que tinha direito a pertencer. Russel era sapateiro e ganhava bem a sua vida. Mas—segundo sua mulher —merecia melhor sorte. Cada bilhete da loteria custava cinco dollars e Mrs. Russel calculava portanto obter com um milhão de bilhetes a bonita somma de cinco milhões de dollars.

E. Mondini termina o seu artigo sem nos dizer quantos bilhetes dessa "rifa" original si-ma, conseguiu Mrs. Russel collocar...



Revista da imprensa, por LECTOR

Que fera!

Acabam de noticiar as gazetas que um namorado, no Mexico zangado com a namorada cortou-lhe os labios e comeu os!

Safal De-se por feliz a pequena, mesmo desbeçada, por se ver livre, a tróco de uma pequenina parte de si mesma, de semelhante... metadel

720 milhões

A conferencia das nações aliadas, em Cannes, assentou que a Alemanha terá de pagar, neste ano de 1922, aos aliados 720 milhões de marcos em ouro, sendo 580 milhões para a Belgica e 140 para a França. A Inglaterra—generosa até aqui—resolveu desistir da sua parte.

Mais generosos fomos nós, que nem foi preciso desistirmos: não nos dão nem um pataco.

Tambem, para para que são cá precisos. Aindo nós não sabemos o que havemos de fazer dos famosos 50 milhões de dollars.

Grave desastre na Italia

Aquella desgraçada Sicilia continúa a ser a terra dos desastres. A semana passada as chuvas foram de tal ordem que em Sam Eratello desmoronaram-se varios edificios, entre os quaes a administração e a catedral.

E nós aqui de nariz no ar a ver quando cae alguma pinga!

Fome no Brazil

Na ribeira do Amazonas a população vive na maior miseria, dando-se cenas horribéis. O senado já votou um credito de 2500 contos de socorro, para os produtores de borracha, que estão, ameaçados de completa ruina. As populações vae enviar socorros o governo federal.

Olhem que baile!

Em Sofia, capital da Bulgaria, realizou-se, para solenizar o Natal—que lá se celebra 14 dias depois do nosso, um baile official, que foi concorridissimo. Mas como festas religiosas solenizadas dando á perna são fracos actos de culto, um official armenio da reserva, embriagado, entrou a discutir com os organizadores da festa e disparou um tiro de pistola que matou o governador e mais duas pessoas. A assistencia fugiu, atropelando-se e ficando feridas muitas pessoas. Enquanto o agressor, aproveitando a confusão, se punha ao fresco. Baile e vinho, para comemorar o Natal do Redentor! Ai está o resultado.

Novo invento

Num diario americano de aeronautica noticia-se o descobrimento de um aparelho secretamente construido para o exercito e a marinha americanos.

Consiste em um aeroplano de pequenos dimensões que, elevando-se por intermedio das ondas hertzianas, conduzirá um poderoso explosivo. Este verdadeiro torpedo aéreo pôde ser lançado contra uma esquadra ou contra uma cidade, ainda que se encontrem á distancia de duzentos milhas ou mais. É uma bella preparação para a futura paz mundial!...

Roubado e preso!

Duas desgraças aconteceram a um sr. François Loustalot, de 61 annos, negociante em Toulouse, França.

Este velhote entregava-se ao commercio clandestino do ouro. Levado por um ajudante, foi dar uma volta pelo campo, á compra de objectos de ouro. A certa altura, na bifurcação dum caminho, saiu-lhe ao encontro um individuo que lhe roubou a carteira

onde levava 25000 francos—e 23 contos. Primeira desgraça.

O roubado não se queixou, mas a policia que soube do caso, prendeu o ajudante, o roubante e... o negociante por se entregar a um commercio prohibido pela lei. Segunda desgraça.

Bem se diz que uma desgraça nunca vem só!

Uma epidemia

Lá por terras da Suecia e Noruega anda causando muitas victimas a gripe pneumonica, que ha tres annos assolou todo o mundo. Desta vez pelo exercito e a marinha, agora estendeu-se ao todo o territorio d'aquellas duas nações. Deus nos livre d'ele.

Mal por mal, antes a peste ..das eleições.

Arde uma fabrica de tabacos

No dia 11 houve um incendio na fabrica de tabacos de Madrid. Começou numa maquina da officina de picado e este ideu-se depois a outras salas. Durou das seis e meia da manhã ás 9 horas; mas os trabalhos puderam ser continuados no dia seguinte. Crê-se que foi fogo posto.

Lamentamos sempre os desastres, mas se o tabaco é uma coisa que se fabrica para arder, melhor é arder na fabrica, porque escusa de queimar... a bolsa do consumidor.

A humanidade passou tão bem tantos seculos sem este pesadissimo tributo!...

Ministro, adormecido

No principio da semana passada anunciaram os jornaes que tinha morrido o principe Okuma, antigo primeiro ministro japonês. Mas no fim da semana um telegramma de Tókió, declarava que a noticia não se confirmava: o principe Oku-

marido. A receita irá a favor do cofre sufragista.

O pacto foi concluído e o Dr. Gillette, que é um conhecido cirurgião de Nova York, tomando o caso de brincadeira prestou-se a este curioso negocio e dançou até ás quatro horas da manhã, ganhando mais de 6 dollars para a caixa do partido sufragista.

Mrs. Silian Russel, de Massachusetts, propoz-se no mez de Agosto do ano passado a realizar a soma de cinco milhões de dollars, cedendo o marido; e não se tratava senão de um simples... sapateiro.

Essa boa Mrs. Russel teve uma inspiração extraordinaria. Com o fim de obter os fundos necessarios para uma existencia abastada, não só para si como tambem para os seus sete filhos, lembrou-se de fazer uma loteria a beneficio das mulheres americanas da qual o premio unico seria... seu marido.

Está claro que um rapido divorcio o deveria pôr á completa disposição da que apanhasse essa sorte grande. Na circun-

Coisas que eu li

As americanidades do matrimonio... nos Estados Unidos

A Baroneza Cecilia de Korwin,—filha do riquissimo negociante Otto Jung, de Chicago, e herdeira de trinta milhões de dollars.—declarou á Côte Supreme de Illinois que seu marido, o Barão de Korwin, ex-official austriaco e um irresistivel D. João, lhe custára para cima de 600.000 dollars.

Monta, com effeito, a esta cifra —informa-nos E. Mondini, no «Domenica del Corriere»—a soma que a Baroneza teve de dispendir para afastar desse homem fatal, que é seu marido, umas vinte e tantas adoradoras e, mais precisamente, nove novas, onze senhoras da sociedade e duas esposas morganaticas.

Os seiscentos mil dollars representam, pois um preço... de afeição! Não é, porém, a primeira vez q e uma es o

ricana exprime em dollars o custo do proprio marido.

Na cronica das excentricidades americanas encontram-se dados curiosos relativos ás flutuações nos valores, ou nos preços desse artigo.

Para a Sr. Catharina Blake, por exemplo, a afeição do marido valia cinco milhões.

Tal foi, com effeito, a soma que ella reclamou pelas vias legais á Sr. Catharina Duer Mackay, mulher de um magnate de Nova York, uma especie de «rei dos cabos telegraficos».

Mrs. Blake mulher de um cirurgião eminente, chamára aos tribunaes Mrs. Mackay, accusando a dita senhora de se ter «por meio de actos maliciosos, de «coquetterie e de seducção» apoderado da afeição do Dr. Blake, induzindo-o a separar-se da sua esposa legitima, que ficára assim privada da afeição do marido, do seu apoio moral, da sua protecção, da sua companhia e do conforto de que gozava no lar conjugal. Não era tudo ainda, pois que, em consequencia dos actos illicitos

Mrs. Mackay, a capacidade de ganho do Dr. Blake, a qual por este motivo e, sobretudo pela afeição roubada, exigia uma indemnização de cinco milhões.

Para outras damas americanas, pelo contrario, o marido (preço de antes da guerra), valia muito menos: quasi uma miseria.

«Ofereço-lhe o meu marido pelo preço de 1.000 dollars», escrevia em Janeiro de 1914 Mrs. Agnes Bedell, de Boston, a Miss Mary Chandler, de Quincy; e esta respondia pelo seguinte telegrama: «Preço excessivo; ofereço metade.»

Mrs. Bedell achava mais logico e, sobretudo mais honesto, pôr em venda o marido do que «pagar a falsas testemunhas para que fossem dizer mentiras perante o tribunal dos divorcios».

Por outro lado, Mrs. Bedell estava persuadida de que qual quer mulher poderia terminar com exactidão o valor em moeda corrente do respectivo consorte, baseando-se sobre o que

